

Só uma escola pública da capital está entre as 30 melhores de São Paulo

Renata Cafardo

Interior lidera nos 3 ciclos de ensino avaliados por indicador que reúne nota no Saresp e adequação aluno/série

Apenas uma escola estadual da capital aparece entre as 30 que têm o melhor Índice de Desenvolvimento da Educação de São Paulo (Idesp) no Estado. O predomínio do interior ocorre nos três ciclos de ensino - 1ª a 4ª séries, 5ª a 8ª séries e ensino médio. Os índices atuais das cerca de 5 mil escolas da rede estadual foram divulgados ontem pelo governo, assim como a meta a que elas devem chegar no fim do ano.

Esse indicador, que traça objetivos até 2030, foi elaborado com base na nota em uma avaliação da secretaria em 2007, o Saresp, e na quantidade de alunos na série correta para a série em cada escola.

Rankings elaborados pelo Estado mostram que a capital só aparece entre as dez melhores de 1ª a 4ª séries. A Escola Estadual Prof.^a Blanca Zwicker Simões, que fica no Jardim Anália Franco, bairro de classe média na zona leste, tem mais de mil alunos e não há registro de evasão. Ela foi a sétima colocada do ranking. Nas escolas de 5ª a 8ª séries não há uma da capital entre as 50 melhores. No ensino médio, a primeira que aparece está na 28ª posição.

Educadores afirmam que o melhor desempenho do interior está ligado a fatores sociais, que aproximam a escola da comunidade e do aluno. Mas, segundo o especialista em financiamento da educação da Universidade de São Paulo (USP), Juca Gil, há também razões financeiras. Ele lembra que, no interior, as prefeituras são responsáveis por oferecer merenda e transporte também para escolas estaduais. Isso não ocorre na capital. Municípios mais ricos muitas vezes ainda ajudam na reforma de escolas do Estado, apesar de terem rede municipal.

“O salário do professor é o mesmo em qualquer cidade do Estado, mas, com R\$ 1.500 no interior, ele pode ter uma casa melhor, morar no centro, ir ao cinema, porque tudo isso é mais barato”, completa Gil. Além disso, professores e diretores tendem a permanecer mais tempo numa mesma escola nas cidades do interior. “Eles desenvolvem e se comprometem mais com o projeto pedagógico. Na capital, professores e diretores não param em escolas mais conflituosas e a legislação permite essas mudanças”, diz o vice-presidente do Conselho Estadual da Educação, Arthur Fonseca Filho.

Segundo a secretária estadual da Educação, Maria Helena Guimarães de Castro, o governo está estudando modificações na lei para impedir mudanças após curtos períodos de trabalho numa escola. “As escolas do interior também costumam ser menores, com menos de mil alunos, o que facilita o trabalho”, completa a secretária.

Entre as 5.183 escolas estaduais, 1.056 (20%) estão na capital. Entre as cidades que mais aparecem nas listas das dez melhores em cada ciclo estão Campinas, Dolcinópolis, Aparecida D'Oeste, Americana.

São Carlos, no noroeste do Estado, tem a melhor escola de 1ª a 4ª séries, com Idesp 6,93 (o mais alto do Estado nos três níveis). O índice já é praticamente o que se espera para 2030 em todas as escolas. Mas a cidade tem também a pior entre 5ª e 8ª séries, com Idesp 0,26 (mais informações, pág. A19). Nas listas nas dez piores, há seis escolas da capital no primeiro ciclo do fundamental e duas no segundo.

Segundo a educadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Maria Marcia Sigrist, o melhor desempenho de escolas públicas de cidades menores é algo registrado no mundo todo. “As relações humanas e sociais são diferentes da capital. Além disso, muitas vezes há apenas uma escola na cidade e alunos de todas as classes sociais estudam lá”, completa. É o que ocorre na única escola da cidade de Pontes Gestal, a 551 quilômetros da capital, que é a melhor de 5ª a 8ª do Estado (mais informações, pág. A19).

O Idesp pode variar de 0 a 10 e foi feito pela primeira vez neste ano no Estado. As médias gerais foram de 1,41 para o ensino médio, 2,54 para 5ª a 8ª e 3,23 para 1ª a 4ª. Até 2030, espera-se chegar a 5, 6 e 7, respectivamente. O indicador paulista é semelhante ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), lançado pelo governo federal no ano passado. Os dois indicadores traçam metas para cada escola. "As escolas de São Paulo vão continuar a perseguir as metas do Ideb também", diz a secretária.

A SITUAÇÃO NO ESTADO				
Indicador leva em conta a avaliação no Saresp 2007 e a quantidade de alunos na série correta para a idade; meta proposta é para 2008				
1.ª a 4.ª séries		10 piores		
META	IDESP	MUNICÍPIO	ESCOLA	
0,52	0,44	SÃO PAULO	Prof. Sérgio da Costa	1.º
0,69	0,60	SÃO PAULO	Índigena Guarani Gwyrá Pepo	2.º
1,06	0,94	RIBEIRA	Prof.ª Júlia da Silveira Mello	3.º
1,09	0,97	SÃO PAULO	Pastor Emílio Warwick Kerr	4.º
1,17	1,04	RIBEIRÃO PRETO	Baudilio Biagi	5.º
1,19	1,06	SÃO PAULO	Prof.ª Josephina Cintra Damião	6.º
1,21	1,08	SÃO PAULO	José Porphyrio da Paz	7.º
1,23	1,10	TEODORO SAMPAIO	Antônia Binato Silva - Vó Nina	8.º
1,25	1,12	ATIBAIA	Prof.ª Rita L. C. Almeida Alvim	9.º
1,35	1,22	SÃO PAULO	Prof. Joaquim Álvares Cruz	10.º
10 melhores				
ESCOLA	MUNICÍPIO	IDESP	META	
1.º Eugenio Franco	SÃO CARLOS	6,93	6,93	
2.º Marechal Mallet	CAMPINAS	6,65	6,67	
3.º Arthur Francisco Andrighetti	CARDOSO	6,56	6,58	
4.º Prof. Daud Jorge Simão	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	6,19	6,22	
5.º Antonio Joaquim de Carvalho	ARARAQUARA	6,14	6,22	
6.º Instituto Popular H. de Campos	CAMPINAS	6,04	6,09	
7.º Prof.ª Blanca Zwicker Simões	SÃO PAULO	5,92	5,97	
8.º Prof.ª Carlota de Negrelros Rocha	MARÍLIA	5,91	5,96	
9.º Caetano Petraglia	FRANCA	5,89	5,94	
10.º Bento de Abreu Sampaio Vidal	MARÍLIA	5,84	5,90	
5.ª a 8.ª séries		10 piores		
META	IDESP	MUNICÍPIO	ESCOLA	
0,30	0,26	SÃO CARLOS	Conde do Pinhal	1.º
0,72	0,63	CARAPICUBA	Prof. Celso Pacheco Bentin	2.º
0,94	0,84	LORENA	Padre Carlos Leônico da Silva	3.º
1,01	0,91	GUARULHOS	Oswaldo Sampaio Alves	4.º
1,03	0,93	CAMPINAS	Prof.ª Cecília Pereira	5.º
1,03	0,92	SÃO PAULO	Prof.ª Carolina A. da C. Galvão	6.º
1,07	0,97	CAMPINAS	Hugo Penteado Teixeira	7.º
1,08	0,98	GUARUJÁ	Prof. Waldemar da Silva Rigotto	8.º
1,08	0,97	SÃO PAULO	Esther Frankel Sampaio	9.º
1,10	0,99	CACHOEIRA PAULISTA	Jardim Trabalhista	10.º
10 melhores				
ESCOLA	MUNICÍPIO	IDESP	META	
1.º Cel. Pontes Gestal	PONTES GESTAL	6,89	6,89	
2.º Baptista Dolci	DOLCINÓPOLIS	6,50	6,51	
3.º Gentila Gulziz Pinatti	SEBASTIANÓPOLIS DO SUL	6,10	6,11	
4.º Coripeu de Azevedo Marques	APARECIDA D'OESTE	6,10	6,11	
5.º Prefeito José Ribeiro	PARANAPUÁ	6,07	6,07	
6.º Nova Luzitânia	NOVA LUZITÂNIA	5,91	5,92	
7.º Prof.ª Eunice Virginia R. Navero	CAMPINAS	5,84	5,85	
8.º Prof. Ary Menegatto	AMERICANA	5,75	5,76	
9.º Prof. Shizuo Nishikawa	MIRANTE DO PARANAPANEMA	5,56	5,58	
10.º Dr. João Gabriel Ribeiro	SÃO JOSÉ DO RIO PARDO	5,41	5,43	
1.º ao 3.º ano		10 piores		
META	IDESP	MUNICÍPIO	ESCOLA	
0,19	0,16	CACHOEIRA PAULISTA	Paulo Virginio	1.º
0,21	0,18	ITAQUAQUECETUBA	Parque Viviane Jardim Adriana	2.º
0,22	0,19	MOGI DAS CRUZES	Bernardo Murphy Padre	3.º
0,24	0,20	UNIÃO PAULISTA	Martiniano Antonio Rodrigues	4.º
0,26	0,22	CAMPINAS	Hugo Penteado Teixeira	5.º
0,26	0,22	CACHOEIRA PAULISTA	Maria Izabel Fontoura	6.º
0,27	0,23	CACHOEIRA PAULISTA	Jardim Trabalhista	7.º
0,28	0,24	BARRA DO TURVO	Bairro Rio Vermelho	8.º
0,29	0,25	OLIMPIA	Comendador Francisco Bernardes Ferrelra	9.º
0,31	0,26	GETULINA	José Pimenta de Pádua	10.º
10 melhores				
ESCOLA	MUNICÍPIO	NOTA	META	
1.º Papa Paulo VI	SANTO ANDRÉ	6,21	6,22	
2.º Baptista Dolci	DOLCINÓPOLIS	5,39	5,40	
3.º Coripeu de Azevedo Marques	APARECIDA D'OESTE	4,80	4,81	
4.º Prof. Ary Menegatto	AMERICANA	4,62	4,64	
5.º Tonico Barão	GENERAL SALGADO	4,60	4,62	
6.º Prof.ª Maria Pilar Ortega Garcia	NOVA CANAÃ PAULISTA	4,48	4,50	
7.º Prof. Walter Ferreira	RIBEIRÃO PRETO	4,26	4,29	
8.º José Inocêncio da Costa	MATÃO	4,13	4,17	
9.º Nova Luzitânia	NOVA LUZITÂNIA	4,12	4,16	
10.º Dr. Artur Horsthuis	JALES	4,03	4,07	

INFOGRÁFICO/AE

Leia mais:

Idesp reflete melhor avanço de alunos com médias baixas

Renata Cafardo

Apesar de ser inspirado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), criado pelo Ministério da Educação (MEC), o Idesp foi elaborado de forma a refletir a melhora de uma escola de maneira mais precisa, dizem os especialistas responsáveis pelo indicador. Isso porque, explica o matemático da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Francisco Soares, um dos criadores do índice, o Idesp não usa a média das notas dos alunos na avaliação, como faz o Ideb.

No índice estadual, é considerada a quantidade de estudantes que estão nos quatro níveis determinados pela avaliação paulista: abaixo do básico, básico, adequado e avançado. Os níveis mais baixos têm pesos maiores na composição do Idesp. Quanto mais alunos estão abaixo do básico, por exemplo, pior é o Idesp. E, a melhora de cada aluno em cada nível entra na composição do índice.

“No Ideb, se apenas os bons melhorarem, a média aumenta e o índice sobe”, explica Soares. “O Idesp mostra melhora que acontece em todos os níveis.” Mas, por essa composição mais complexa, o índice deixa mais claras as deficiências e acabou traçando um retrato muito ruim do ensino estadual.

Entre as metas do Idesp estão aumentar, em dois anos, a quantidade de alunos no nível adequado de 29% para 41% no ciclo de 1ª a 4ª série, de 18% para 28% no ciclo de 5ª a 8ª série e de 12% para 16% no ensino médio. Mesmo em cinco anos, nem 50% de todos os estudantes estarão ainda no nível adequado.

“O governo está sendo corajoso ao mostrar que é impossível fazer mudanças muito violentas, mas o que importa é que todas estejam caminhando para melhorar”, diz Soares.

Leia mais

No ensino médio, 57% não chegam a índice 1,41

Renata Cafardo, Marcela Spinosa e Fernanda Aranda

Valor é a média desse nível de ensino no Estado; o indicador da pior escola é de apenas 0,16

Mais da metade de todas as escolas estaduais paulistas tem indicadores abaixo das médias do Índice de Desenvolvimento de São Paulo (Idesp) no Estado. No ensino médio, a situação é mais alarmante, já que 57% das escolas não atingiram o Idesp 1,41, numa escala de 0 a 10. No ciclo de 1º a 4ª séries, 55% não chegam a 3,23 e, entre estabelecimentos de 5ª a 8ª, 50% estão abaixo de 2,54.

Entre os dez piores do Estado em cada ciclo, a maioria das escolas têm Idesp menor do que 1. Isso quer dizer que grande parte dos seus alunos está no nível abaixo do básico e não é capaz de compreender textos ou fazer cálculos elementares em matemática. Como as metas traçadas para o fim deste ano pelo governo aumentam em cerca de 5% o Idesp desejado, as piores nem sequer chegarão a 1 em 2008 e demorarão mais que o restante para a atingir o objetivo de 2030.

No ano passado, faltou professor de história, geografia, física, química e matemática na Escola Paulo Virgínio, em Cachoeira Paulista, que tem o pior Idesp do Estado (0,16). “Os nossos alunos do período noturno não tiveram o menor interesse em fazer o Saesp (exame que compõe o Idesp). Eles não frequentam as aulas, faltam em todas as disciplinas, são o nosso maior desafio”, lamenta a diretora Ana Maria Barreiros. A escola aparece justamente na lista das piores do ensino médio.

No total, são apenas 122 estudantes matriculados nesse nível de ensino. “Definitivamente, nosso problema não é superlotação. Agora, precisamos encontrar maneiras de atrair os alunos para a escola. Trazê-los para dentro da sala de aula. ”

Segundo o vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, Arthur Fonseca Filho, um dos grandes problemas do ensino médio é adequar o currículo ao interesse dos adolescentes. Apesar de ter universalizado o ensino fundamental, o País enfrenta dificuldades para aumentar o índice nacional de 40% dos jovens frequentando o ensino médio. Em São Paulo, a taxa é de cerca de 60%.

Com o Idesp 0,92, a Escola Estadual Professora Carolina Augusta da Costa Galvão, na Vila Prudente, zona leste da capital, ficou em sexto lugar no ranking das unidades com mais baixo rendimento em 2007 no ciclo de 5ª a 8ª séries. Segundo a diretora da unidade, Eliane Dantas

de Oliveira, que assumiu o cargo há um ano e meio, 99% dos alunos são do Nordeste do País e, vez ou outra, ficam 40 dias sem freqüentar a escola. “A maior dificuldade deles é na hora de ler e escrever. Os pais não podem deixar os filhos tanto tempo fora da escola”.

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 16 maio 2008, Primeiro Caderno, p. A18

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.